

POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE FAZERES E SABERES ARTÍSTICOS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A LUTA CONTRA O RACISMO

*POSSIBILITIES OF BUILDING ARTISTIC DOINGS AND KNOWLEDGE AS A CONTRIBUTION TO
THE FIGHT AGAINST RACISM*

 <https://orcid.org/0000-0001-6839-063X> Francisco Souza da Silva^A

 <https://orcid.org/0000-0002-6580-3694> João Batista de Souza Caldas Filho^B

^A Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

^B Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, PR, Brasil

Recebido em: 17 fev 2023 | **Aceito em:** 20 mar 2023

Correspondência: Francisco Souza da Silva (franciscoprofessorartes@gmail.com)

Resumo

O artigo tem o objetivo de refletir sobre as possibilidades de processos de ensino-aprendizagem com conteúdo e práticas de Cultura e arte afro-brasileiras nas aulas de artes visuais. A partir das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, regulamentando a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígenas, africanas e afro-brasileira. A pesquisa realizada se caracteriza como bibliográfica cujo levantamento de conceitos, teorias e práticas permitiram a elaboração de uma proposta pedagógica com base em três obras da artista paulistana Rosana Paulino. Em seus trabalhos a artista aborda o histórico das relações étnico raciais no Brasil como forma de reconhecer o processo de silenciamento e exclusão da população negra no Brasil. A proposta une os fazeres artísticos da artista com a proposição de uma educação para o respeito à diversidade étnica e cultural brasileira, essa ação também é fundamental como processo da construção de uma educação que combata o racismo e valorize as raízes que formaram o Brasil.

Palavras-chave: Ensino de artes; Arte Afro-brasileira; Educação Antirracista; Arte-educação.

Abstract

The article aims to reflect on the possibilities of teaching-learning processes with content and practices of Afro-Brazilian culture and art in visual arts classes. From laws 10.639/2003 and 11.645/2008, which amended the Law of Guidelines and Bases of Education, of 1996, regulating the mandatory teaching of Indigenous, African and Afro-Brazilian History and Culture. The research carried out is characterized as a bibliographical survey whose concepts, theories and practices allowed the elaboration of a pedagogical proposal based on three works by the São Paulo artist Rosana Paulino. In her works, the artist addresses the history of ethnic-racial relations in Brazil as a way of recognizing the process of silencing and exclusion of the black population in Brazil. The proposal unites the artist's artistic work with the proposition of an education for respect for Brazilian ethnic and cultural diversity, this action is also fundamental as a process of building an education that fights racism and values the roots that formed Brazil.

Keywords: Arts teaching; Afro-Brazilian art; Anti-racist Education; Art education.



Introdução

O artigo tem o objetivo de refletir sobre as possibilidades de processo de ensino-aprendizagem com os conteúdos e práticas inspiradas nos fazeres e saberes de artistas negras. A pesquisa emerge da trajetória destes pesquisadores ao reconhecerem sua matriz cultural ancestral em seus fazeres. A experiência docente permite ouvir educandos, os quais relatavam situações vivenciadas sobre discriminação por seus cabelos e cor de pele. Muitas vezes esses fatos são ignorados por professores e gestores, e conseqüentemente a perpetuação de atitudes e pensamentos racistas permeiam o cotidiano escolar.

Deixar essas situações passarem sem reflexão e intervenção, não contribuem para a construção de uma educação antirracista. Sendo assim, essa investigação reconhece a importância do ensino da história e cultura afro-brasileira, e propõe como método didático-pedagógico os fazeres e saberes da artista paulistana Rosana Paulino, que assim como muitos dos educandos também tem histórias com discriminações raciais.

Essa experiência foi elaborada com aporte nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que foram instituídas para regulamentar e orientar o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira, e assim promover uma educação que reconheça a diversidade das raízes culturais do Brasil, e as valorize para que a atitude da população em relação às questões culturais e étnicas se torne positiva e combatente ao racismo e a intolerância.

Segundo Santana (2017) pesquisas sobre a educação brasileira mostram como os sistemas de ensino discriminam a população negra, o que gera baixos índices de permanência e sucesso na escolarização. A ausência da representatividade afrodescendente nos conteúdos e livros didáticos têm sido apontados como causa desse cenário de exclusão, por provocar a falta de identificação com a história e cultura ensinadas na escola.

Conteúdos e práticas centradas no eurocentrismo geram um processo de branqueamento no conhecimento estudado e produzido nas escolas, o que sustenta as relações de desigualdade racial. A história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros precisa ser pautada pelo ponto de vista dos sujeitos históricos negros e negras, a utilização de textos, produções e pensamentos de intelectuais, artistas e cientistas negros é essencial para consolidar uma educação para a diversidade.

Dessa maneira, a Educação das Relações Étnico-Raciais tem como objetivo a divulgação e produção de conhecimentos que integram atitudes, posturas e valores relacionados à pluralidade étnico-racial. Além disso, é reconhecer e valorizar as raízes dos

povos que contribuíram com a formação étnica, cultural, social, política e econômica do Brasil. Afinal era urgente “corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (BRASIL, 2004, p. 5).

Volta e meia das Artes Visuais no Brasil: posições e reflexões

O aprendizado em artes visuais envolve a apreciação e a prática, além da contextualização histórica dos objetos e práticas artísticas. A problematização a respeito da produção e dos processos de criação de artistas negros e negras estimula a alteridade, ou seja, o reconhecimento das diversas identidades étnicas que convivem no Brasil. Por meio do conhecimento artístico é possível questionar os fatos históricos, e posicionar novos olhares diante da realidade (SILVA, 2011).

Segundo Rafael Cardoso (2009) foi a partir dos anos 1970 que os estudos sobre história da arte consideraram novas discussões teóricas e artistas, as quais permitiram dialogar com outras áreas do conhecimento, bem como com assuntos mais ligados à história social, porque outras formas de documentação e fontes foram incorporadas nos estudos, o que até então eram pouco valorizadas.

Raça, classe e gênero tornaram-se temas predominantes na pauta da história da arte, antes restrita a um cânone ocidental formado quase exclusivamente por artistas europeus de origem social mediana ou alta, como se a capacidade de fazer arte fosse restrita aos representantes da burguesia em França, Espanha, Itália, Holanda, Alemanha e Inglaterra. O livro *The Art of exclusion: representing Blacks in the Nineting Century* (1990), de Albert Boime, é característico de uma leva de estudos voltados para questões de exclusão e não representação, desviando o enfoque das populações e regiões antes relegadas a uma posição secundária no afã de constituir o cânone da grande tradição europeia. (CARDOSO, 2009, p.110)

Nessa perspectiva, o conceito de arte que embasa as práticas artísticas pedagógicas vivenciadas nesta pesquisa, não ignora artistas e obras reconhecidas ao longo do tempo, mas se abre para um campo plural de saberes e fazeres artísticos. Neste caso, a arte afro-brasileira pode ser concebida como

Qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética, a religiosidades africanas tradicionais e, de outro, os cenários socioculturais do negro no Brasil. Assim é preciso pensar coisas e ações indicadas pelo cruzamento de arte e afro-brasilidade: de obras de arte à cultura material e imaterial. Nesse sentido a expressão arte afro-brasileira indica não um estilo ou um movimento artístico produzido apenas por afrodescendentes brasileiros, ou deles representativo, mas um campo plural, composto por objetos e práticas bastante diversificados, vinculados de maneiras diversas à cultura afro-brasileira, a partir do qual tensões artísticas, culturais e sociais podem ser problematizadas estética e artisticamente. (CONDURU, 2007 apud GODOI, 2020, p. 11)

A arte que questiona um percurso histórico único europeizado e glorificador da colonização que silenciou outras manifestações artísticas por muitos anos. Uma produção artística construída a partir da memória de antepassados que renova e inspira novas gerações de artistas negros e negras a representarem suas vidas, lutas, conquistas e um mundo plural. É essa compreensão de arte que permeia este trabalho, revelando outras formas de pensar e fazer arte, preocupada com as maneiras como os educandos possam sentir-se pertencentes a essa história, e assim serem protagonistas de seus processos de aprendizado.

A história do ensino de artes no Brasil tem passagens inspiradoras, como também aspectos retrógrados e que muitas vezes fizeram da arte no contexto escolar, um espaço meramente de distração, ou ainda tecnicista com objetivo de instruir mecanicamente a formação dos sujeitos. Passando pelo ensino jesuítico, no Período Colonial, que tinha como marca o uso do teatro como estratégia para catequização dos povos indígenas, e assim fragilizando os costumes e tradições destes povos para dominá-los. Posteriormente, a Missão Artística Francesa com a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808) funda a Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, então capital do país, em que o desenho era o ponto forte, contudo com uma concepção elitista centrada no produto e na figura do professor como dono do conhecimento (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2009).

As décadas de 1920 e 1930 diversos artistas e intelectuais criam as primeiras tentativas de escolas especializadas em arte, como Theodoro Braga e Anita Malfatti, assim como a importante contribuição de Mário de Andrade cujos estudos sobre a valorização da atividade artística para crianças ampliou o espaço e a compreensão das artes no ensino.

Entre tantas outras experiências o Movimento Escolinhas de Arte, no final da década de 1960 e avançando pelos anos 1970, primeiro em Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo oferecendo formação artística para crianças bem como para educadores com as influências do pensamento de John Dewey ocorre uma expansão das iniciativas de ensinar arte para crianças e adolescentes, mesmo que essa concepção tenha sido erroneamente difundida como um fazer espontaneísta, este fato foi motivo, e até hoje ainda é, de novas reflexões sobre a teoria de Dewey (BARBOSA, 2014).

Um marco importante nesse percurso do ensino de artes no Brasil foi a Lei nº 5.692, de 1971, que incluiu o componente curricular Educação Artística, e determinou que conteúdos de música, teatro e artes plásticas deveriam estar presentes no ensino de 1º e 2º graus. Apesar de implantada no bojo da tendência tecnicista na educação, e que colocou a figura do

professor polivalente como aquele que dominaria todas as linguagens artísticas. Por mais que pensemos que a lei trouxe um avanço para a presença das artes na escola, contudo, a forma e os conteúdos, bem como os objetivos acabaram por comprometer o desenvolvimento da arte como campo do conhecimento na escola.

Somente em 1996, pós abertura democrática, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.934/96) estabeleceu o ensino da arte como componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica tendo como principal objetivo a promoção do desenvolvimento cultural dos educandos.

Um caminho longo repleto de percalços, conquistas, avanços e retrocessos que Ana Mae Barbosa e outras arte-educadoras construíram desde os anos 1980, em diversos eventos pelo Brasil e junto as atuações de associações regionais e estaduais de arte educadores reunidas na Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) como forma de garantir o reconhecimento da arte como área do conhecimento, bem como a presença obrigatória na estrutura curricular das redes de ensino (BARBOSA, 2014).

Essa trajetória concebe a arte não apenas como uma disciplina regular no currículo oficial, mas principalmente como campo do conhecimento na escola, pela arte ser “um conhecimento construído ‘pelas pessoas’ através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2009, p. 12).

E nessa perspectiva ensinar artes “significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2009, p. 12).

O ensino da história africana e afro-brasileira costumeiramente aparecia nos livros didáticos, principalmente de História, com o tema da escravidão negra africana, assim como pelas comemorações referentes ao 13 de maio, data historicamente que marca o fim da escravidão no Brasil, estes autores lembram das folhas mimeografadas com um menino com correntes quebradas e os braços levantados. Eram os anos 1990, pouco ou quase não se tratava do contexto real desta data, e muito menos das consequências para os recém libertos e seus descendentes.

Percebe-se que este conteúdo não evidenciava os negros como sujeitos históricos, nem como criadores de conhecimento, e muito menos considerava as ideias de intelectuais e políticos negros brasileiros, a cultura e as religiões de matrizes africanas.

As legislações citadas anteriormente junto com documentos orientadores como Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004 do Conselho Nacional de Educação, ambas de 2004, orientam a implementação dos conteúdos referentes às leis na educação básica e na educação superior. Como afirmado no início do parecer, essas medidas são fundamentais porque “asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros.” (BRASIL, 2004).

Dessa maneira, a Educação das Relações Étnico-Raciais tem objetivo a divulgação e produção de conhecimentos que integram atitudes, posturas e valores relacionados à pluralidade étnico-racial. Além disso, é reconhecer e valorizar as raízes dos povos que contribuíram com a formação étnica, cultural, social, política e econômica do Brasil.

Em outubro de 2004 também foi publicado as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira Africana com objetivo de orientar as readequações curriculares dos sistemas de ensino, bem como das universidades e faculdade que oferecem cursos de formação de professores, afinal era urgente “corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (BRASIL, 2004, p. 5).

Essas leis e documentos são criadas em um percurso histórico de luta de movimentos negros ao longo dos anos que proporcionaram alterações nos currículos e propostas de ensino também influenciam a produção de materiais didáticos, como livros didáticos e paradidáticos, um dos instrumentos mais utilizados pelos professores e alunos nos processos de ensino e aprendizagem. que são escolhidos pelos educadores em períodos de 4 em 4 anos. Esses livros passam por uma avaliação pedagógica coordenada pelo Ministério da Educação (MEC) e integram o chamado PNLD, o Programa Nacional do Livro Didático. A cada ciclo editoras de todo o país inscrevem seus livros para essa avaliação, e sendo aprovados são disponibilizados para a escolha pelos educadores.

Essas mudanças significam um direito histórico nunca tratado como deveria na escola como também na formação de professores, as leis significam a implementação de políticas

públicas de combate ao racismo e a promoção do respeito à diversidade. Reconhecer a história das culturas dos povos indígenas e africanos é fundamental para compreender o Brasil (MARANHÃO, 2019).

Sabemos que as legislações e documentos orientadores são importantes, mas não suficientes para mudar a realidade do ensino e da convivência nas escolas. É preciso empenho das secretarias de educação com formação continuada, das coordenações pedagógicas em orientar e incentivar as mudanças nas práticas pedagógicas, e mais ainda de professores e professoras que repensando suas trajetórias também podem ressignificar o seu lugar político na escola.

Nesse sentido, os novos conteúdos e práticas pedagógicas originadas e motivadas por essas legislações e documentos orientadores objetiva também refletir a discriminação relacionada a etnia na educação, e construir uma educação antirracista que ao mesmo tempo em que a valorização da história afro-brasileira é pautada, as práticas racistas são questionadas e refletidas em ações de combate ao racismo e reconhecimento da diversidade brasileira.

Mas como esses conteúdos podem ser pensados e praticados no ensino de artes visuais? Considera-se que seria importante compreender a conceituação e objetivos do ensino das artes visuais expressos no documento que norteia a educação no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular:

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas. (BRASIL, 2018, p. 195).

Mattos (2017) faz um levantamento importante sobre a arte africana no Brasil pontuando que no período colonial muitos daqueles trazidos como escravos que eram artistas eram incorporados ao trabalho da construção civil sendo responsáveis pela decoração e arquitetura. A autora destaca que a produção artística cultural de origem negra era analisada com base em parâmetros racistas, um olhar excludente que desejava confirmar que eram realizações de seres incapazes, e justificou a perseguição aos grupos religiosos de matrizes africanas, a apreensão de obras religiosas era comum e assim os acervos de inúmeros museus é formado.

A mobilização dos movimentos negros, como idealizados pelo artista, intelectual e ativista político Abdias do Nascimento (1914-2011) articulou a criação de um museu de arte negra no final da década de 1960. Não se concretizou naquele momento, mas inspirou esses movimentos a continuarem com a luta pelo reconhecimento da história e cultura afro-brasileira, e importantes fundações museológicas foram criadas com objetivo de valorizar o patrimônio cultural material africano e afro-brasileiro, o Museu Afro da Universidade Federal da Bahia inaugurado em 1982 e o Museu Afro Brasil inaugurado em 2004 no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e tornaram-se importantes referências de estudos e produção visual afro brasileira.

A produção de artistas afrodescendentes expressa a memória e a história das pessoas negras, como resistência ao apagamento das questões raciais, bem como narrativa das construções sociais e políticas, bem como da expressão da vida dessas pessoas que não estão à parte da dinâmica da sociedade brasileira. Como afirma Mattos (2017), não se trata de efetivar um estilo específico, mas de evidenciar dentro dos estilos artísticos a produção artística de populações desprivilegiadas historicamente que simbolizam outro universo de relações relacionadas à noção de identidade e a experiência racial.

O diálogo entre a cultura afro-brasileira e as artes visuais com o reconhecimento das raízes africanas na cultura brasileira oferece possibilidade de reler a história do país, e assim ressignificar fatos e a história das pessoas e grupos que construíram a sociedade brasileira. Dessa maneira, o ensino de artes não se restringe apenas a expor a cultura afro-brasileira, e sim demonstrar que as pessoas negras e suas criações fazem parte do processo de constituição da sociedade, e assim promover processos de reconhecimento e aceitação da própria história dos educandos e suas famílias.

A cultura brasileira e os bens produzidos historicamente, devem ser discutidos, pensando-se na existência de uma arte nacional, construída pelos artistas que transpuseram os modelos e romperam cânones acadêmicos da arte europeia, artistas das mais variadas gerações que participam de uma construção visual da realidade de nosso país. Artistas afrodescendentes, agentes na contribuição de uma cultura legítima onde ocorra o diálogo da construção de elementos possíveis de caracterizar ou apontar caminhos para o encontro de uma poética negra, sendo contextualizada a partir das linguagens artísticas. (SANTANA, 2017, p. 123)

Nesse sentido, essa escrita ocupou-se de apresentar uma possibilidade de trabalho artístico pedagógico que privilegia o estudo das artes por meio das trajetórias e obras de artistas afro-brasileiros, mais do que um cardápio de opções de obras para serem apreciadas e reproduzidas nas aulas de arte, a proposta é pensar que os processos de ensino em artes

visuais precisam passar pela história desses artistas, do reconhecimento e identificação de suas práticas que servem como inspiração para processos criativos que impulsionem a reflexão sobre a realidade e vida objetiva dos educandos, a partir de seus próprios contextos históricos.

Proposição artístico-pedagógica para o ensino de artes visuais em uma perspectiva do reconhecimento e valorização da história da cultura afro-brasileira

A arte africana possui lacunas inclusive na história do ensino de artes, por muitos anos os currículos das licenciaturas em Educação Artística não contemplavam essa história e produção. Os fatos históricos que se referem a artistas negros se concentraram por muito tempo ao barroco brasileiro, e na figura do artista Aleijadinho. Não estou desconsiderando a importância das obras artísticas do barroco brasileiro, mas é preciso pensar que outras pessoas negras também desenvolveram trabalhos em todos os períodos da história da arte brasileira.

Arthur Timótheo da Costa, Benedito José Tobias, Emmanoel Zamor, Estevão Silva, Firmino Monteiro, Horácio Hora, João Thimótheo da Costa, e Rafael Pinto Bandeira, artistas que retratam em suas pinturas, seus contemporâneos, o/a negro/a em situações do cotidiano ou como personagem protagonista de uma cena, em que se pode observar a beleza, as características próprias do ser, enquanto pessoa, indivíduo, figura humana. (SANTANA, 2017, p.128)

Estes artistas mencionados atuaram no período em que foi criada a Academia Imperial de Belas Artes, responsável por institucionalizar a produção artística brasileira, contudo os artistas negros não participavam desse processo devido as condições econômicas, o que não impediu de retratarem o cotidiano vivido e representarem a realidade negra, mesmo que ainda estivesse muito vinculado as técnicas vigentes europeias, ainda assim são exemplos de resistência em tempos em que eram vedadas a participação e o reconhecimento de suas produções artísticas. Santana (2017) ainda afirma que sempre houve a presença de negros e mestiços nos trabalhos artísticos brasileiros nos períodos colonial e imperial, como aprendizes ou criadores de monumentos religiosos.

Artistas do século XX como Emanuel Araújo, baiano, escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador, museólogo e ganhador de vários prêmios internacionais de arte. Seu trabalho é de grande importância para a divulgação, preservação, reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana no Brasil.

Outro exemplo é Heitor dos Prazeres, um artista conhecido na música, dança e na pintura, sendo muito prestigiado internacionalmente. Assim como Dioscórides dos Santos, o Mestre Didi, líder espiritual da religião Nagô, a qual influencia intimamente sua arte. Suas

produções artísticas são cheias de cores e formas com significados e simbolismos inerentes à religião.

As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 representam novos caminhos para compreensão da arte brasileira, além de criar um contexto propício para a efetivação de uma educação positiva para as relações étnico-raciais que reconheça e promova o respeito à diversidade, e estimule uma formação pedagógica e humana para a liberdade e emancipação formando sujeitos históricos construtores de uma sociedade mais justa.

Apresentar uma proposta de processo de ensino de artes baseado na trajetória de uma artista negra para desenvolver as habilidades e objetos do conhecimento das artes visuais. Esse seria um dos caminhos artísticos pedagógicos possíveis de trabalhar a arte afro-brasileira a partir da noção de identidade por meio da experiência racial e artística expressos nas trajetórias de artistas negros.

Essa metodologia de ensino pode potencializar não apenas os fazeres e práticas artísticas como também a reflexão sobre questões raciais, e a importância de construirmos relações pautadas no respeito à diversidade.

A escolha da artista para este percurso pedagógico é a paulistana Rosana Paulino porque ao conhecer algumas de suas obras, foi possível aprofundar conhecimentos sobre as questões raciais. Afinal as temáticas de suas obras abordam a questão do racismo e dos estigmas decorrentes da escravidão que deixou marcas profundas na cultura brasileira. Essa temática reverberou um processo de reconhecimento nestes pesquisadores, enquanto pessoas negras, e assim expandir a consciência a respeito das condições que pessoas negras enfrentam no cotidiano. Esse engajamento por uma educação antirracista continua a influenciar as escolhas e proposições destes artistas-professores.

Rosana Paulino é artista visual, pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo (USP), nasceu em São Paulo em uma família afrodescendente. Filha de uma empregada doméstica e um carregador de sacos de açúcar, desde a infância sempre gostou de desenhar, criou muitos de seus brinquedos, inclusive com o ofício que aprendeu com a mãe: o bordado (MONTEIRO, 2018). Esta prática pode ser observada em suas obras, entre linhas e tecidos a artista reconstrói a história do povo negro no Brasil expressando os desafios e as lutas por reconhecimento e igualdade.

Em seu trabalho investiga a representação dos negros, especialmente das mulheres negras na história da arte. Suas pesquisas contemplam a questão racial e de gênero na história

do Brasil, e se apresenta como uma forma de denúncia à violência contra as pessoas negras e reivindica o reconhecimento da cultura afrodescendente.

Os trabalhos utilizados e que serão discutidos a seguir são: Parede da memória (1994), Bastidores (1997) e Assentamento (2013). Nestes trabalhos a artista se apropria do conceito de ancestralidade buscando dar voz a um passado muitas vezes acobertado, ou insistentemente silenciado e que os brasileiros fazem questão de esquecer, ou são levados a esquecer pela imposição de imagens e ideias eurocêntricas presentes inclusive nos processos educativos.

PAREDE DE MEMÓRIA (1994)

Figura 1 – Parede da memória



Microfibra, tecidos, imagem digital sobre papel, linha e aquarela. Aproximadamente 8 x 8 x 3 cm cada elemento, dimensão variável.

Fonte: Revista Continente, 2020

Rosana estava no quarto ano da faculdade e reuniu onze fotografias de família, impressas em preto e branco em almofadas de tecido de algodão, algumas imagens foram retocadas pela artista com tinta do tipo aquarela. Cada uma dessas onze fotografias vai se repetindo e compoendo uma instalação de 1500 peças como um grande jogo da memória. Inspirada pelos patuás presentes na casa de seus pais, essas personagens anônimas costuradas em uma grande parede de olhares e histórias a serem contadas que formam uma rede de fatos históricos.

Os patuás são amuletos utilizados geralmente por praticantes do candomblé, dentro destes saquinhos podem ser depositados ervas ou algum outro elemento que protege seus

portadores. A artista afirma que nesta obra o que deveria estar oculto dentro do patuá foi levado para a frente, ou seja, as histórias de pessoas negras que continuamente são invisibilizadas olham para os observadores e convida-os a refletir sobre quem seriam essas pessoas, o que teriam vivido, ou ainda, o que poderia ser e ter vivido se não fossem as marcas do preconceito racial.

Figura 2 - Detalhe dos patuás em Parede de memórias



Fonte: Revista Continente, 2020

Em uma proposta de ensino de artes visuais é possível utilizar imagens com detalhes da instalação em um momento de fruição estética, e assim abrir o diálogo em uma roda de conversa sobre as formas, estilo, temas e significados da obra.

Em um segundo momento apresentar a história de vida da artista que oferece diferentes elementos para interpretar a obra, como os conceitos de ancestralidade, memória e afeto. Debater esses conceitos por meio das imagens e da história da artista oportuniza um momento de reflexão sobre o sentimento de pertencimento e a identidade que construímos ao longo de nossa formação, já que a obra trata das memórias familiares da artista, bem como de um contexto sobre as questões raciais e de gênero.

Outro elemento que desdobra discussões e reflexões é o patuá, utilizado pela artista para trazer à tona os rostos dessas pessoas. Como mencionei anteriormente, o patuá é um objeto relacionado a crenças e a fé das religiões de matrizes afro-brasileiras e que representa proteção para aqueles que portam. Nesse sentido pode-se pautar questões como intolerância religiosa em relação às religiões afro-brasileiras, que também é um desdobramento do racismo.

A noção de materialidade nas artes visuais também pode ser desenvolvida a reflexão de como objetos do cotidiano podem ser ressignificados no processo criativo adquirindo significados poéticos, assim como desenvolvido por Marcel Duchamps mencionado no primeiro capítulo, quando um mictório é ressignificado se tornando objeto artístico e carregado de novos significados que devem ser contextualizados.

BASTIDORES (1997)

Figura 3: Bastidores, obra de Rosana Paulino.



Imagem transferida sobre tecido, bastidores de madeira e linhas de costura, 30 cm de diâmetro, 1997.
Fonte: Revista Continente, 2020

Nesta obra a artista utiliza fotografia impressa sobre tecido costurado em um bastidor de madeira, e costura com um bordado grosseiro as bocas, olhos ou gargantas das mulheres como que restringindo o direito de expressão dessas mulheres. A violência que silenciou muitas mulheres ao longo do tempo, e que continua a coagir a liberdade de expressão e participação das mulheres na vida social.

A obra recebe o nome no plural porque compreende um conjunto de bastidores, ao mesmo tempo, podemos pensar que a artista revela que as mulheres estiveram muito tempo relegadas aos bastidores da história. No Brasil colonial serviram como amas de leite e cuidadoras do lar, e tiveram papel fundamental na educação de tantas crianças brancas.

Contudo, por um longo tempo não foram reconhecidas por uma história europeizada que considerava os negros e negras como sem valor, assim como os bordados na obra de Paulino que ao serem malfeitos sendo oposto ao lado que é exibido dos bastidores. Assim podemos comparar os bastidores com o processo realizado pela história dita oficial, em que escondeu as histórias de pessoas negras.

A costura realizada por Rosana assemelha-se a uma sutura, um procedimento cirúrgico que consiste em dar pontos para costurar um ferimento ou uma porção de tecido orgânico,

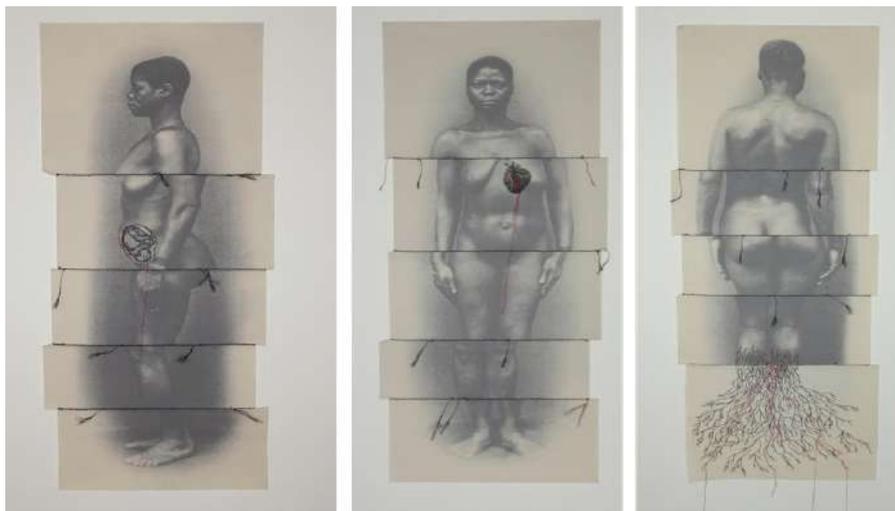
esse ato proposto pela artista pode ser compreendido como a reconstrução histórica de um grupo social que foi excluído desse processo, ou melhor, não reconhecido devidamente.

Assim como na área médica, a sutura histórica e social provocada pela artista também é dolorosa e violenta, afinal duas partes que estão distantes precisam ser unidas por uma linha forte, do contrário podem se separar novamente e causar sangramento. Podemos compreender como a violência que permanece mesmo com os avanços por direitos e a criminalização do racismo, se essa sutura não for suficientemente forte para unir os lados até que se regenerem, a sociedade continua doente.

Uma proposta pedagógica com essa obra tem o potencial de levar a reflexão sobre a história das pessoas negras pós abolição, como também a problemática do racismo estrutural. Para além das questões sociais e históricas pode se encaminhar um trabalho de memória familiar e mesmo comunitária com a comunidade no entorno da unidade escolar.

ASSENTAMENTO

Figura 4: Obras da série Assentamento.



Instalação em técnica mista: impressão digital sobre tecido, desenho, linóleo, costura, bordado, madeira, paper clay e vídeo. Dimensão variável, 2013.

Fonte: Revista Continente, 2020

A mulher presente nesta obra é uma desconhecida que foi registrada pela expedição Trayer cujo liderança estava a cargo do cientista Louis Agassiz. Um dos principais objetivos desta expedição era comprovar a superioridade da etnia branca sobre as outras, e com este intuito diversas atrocidades foram realizadas com experimentos em corpos de pessoas negras, que foram mutiladas e marcadas por uma atitude incessante de provar a superioridade.

O conceito de sutura está presente nesta outra obra, as partes do corpo são costuradas de forma grosseira com os pontos a mostra, como as marcas desse passado também estão grosseiramente resolvidas na sociedade brasileira. O que nos leva a refletir sobre a representação do corpo negro e as violências que o acometem cotidianamente.

Sobre as suturas:

Penso que estas pessoas tiveram que se refazer ao chegar a um mundo totalmente desconhecido de seu local de origem. Imagine um dia, estar cercado de seus familiares, amigos em outro estar em um navio negreiro, totalmente insalubre, com gente de variadas etnias que não falam a sua língua. Ao desembarcar em terras estranhas, há ainda o trauma da escravização. Estas pessoas tiveram que se refazer, mas este "refazimento" nunca é completo! Sobram as marcas deste processo de adaptação. Marcas estas que, muitas vezes, foram também transmitidas aos seus descendentes. Daí as costuras desencontradas mostrando que um refazer-se completo é tarefa quase impossível. (PAULINO, 2013, p.03)

Rosana pensa no trauma causado aos escravizados durante os processos de rapto de pessoas na África, pessoas que foram retiradas de seu espaço de origem e forçadas a entrar em uma nova cultura como mão de obra. Nesse processo seus nomes, história, passado, religião e costumes não foram sequer considerados, pelo contrário os grupos eram separados e suas práticas proibidas, e aqueles que não cumpriam esse impedimento eram açoitados e muitos assassinados para servirem como exemplos

Após o período de escravidão essas mesmas pessoas e seus descendentes tiveram que se refazer sem nenhuma estrutura, foram jogadas a própria sorte, e mais uma vez silenciados e tornados invisíveis para a sociedade.

Nestas obras a artista tem como personagens principais as mulheres negras, em suas palavras:

A mulher negra é a base da base da pirâmide. Ganha menos, tem mais dificuldade de encontrar emprego com a mesma formação que as brancas e ganha menos. Esse é um trabalho que se lê em camadas, tem várias possibilidades de leitura. São aquelas que não são vistas, estão nos bastidores da sociedade (informação verbal) (ANTONACCI, 2017 apud NOVAIS, 2019, p. 123).

A questão racial e de gênero são abordadas pela artista em diferentes dimensões: a violência e exploração dos corpos, o silenciamento da sua fala e pensamento, a reconstrução de seu lugar social e cultural perpassa o corpo da mulher desconhecida que pode ser qualquer mulher do passado e do presente. Com ventre e coração sangrando e raízes que evidenciam o assentamento das pessoas negras trazidas para o Brasil, junto com elas se fixaram seus saberes e práticas.

Um legado firmemente plantado na cultura brasileira, elementos para nossa fala, culinária, comportamentos, arte, religião, ciência e muitas outras contribuições que marcaram a formação da sociedade brasileira.

Considerações

Elaborar um plano pedagógico em artes visuais para desenvolver reflexões teóricas e práticas perpassa pela compreensão da história da artista, bem como de suas intenções nas obras. Essa ação pode ser realizada com exibição de entrevistas e relatos da própria artista, nada melhor do que ouvir, ver e sentir pulsante as ideias e convicções daquela que elaborou esses trabalhos.

A recriação dessas obras pode passar por uma pesquisa imagética de representações das pessoas negras no passado e no presente, também o levantamento e discussão sobre os cosméticos para pele negra, que vem se atualizando e crescendo nos últimos anos. Pensar e trabalhar a maquiagem para pele negra também pode ser um exercício artístico social e político reverberado pelas discussões proporcionadas pelas obras de Paulino.

As propostas pedagógicas devem contemplar o binômio arte e vida tão presente nos trabalhos da artista e que podem levar os estudantes a refletirem sobre suas histórias e de suas famílias.

A costura, a linha e o tecido podem ser explorados como também substituídos por outros suportes que representem e expressem as reflexões dos estudantes. O potencial de uma proposta didático-pedagógica a partir da vida e obras de uma artista negra promove a percepção de que a arte não é meramente uma realização distante da vida, mas que está intimamente ligada à vida.

O ensino das artes visuais está para além do aprendizado de práticas artísticas, inclui as maneiras de expressar e comunicar o que se sente e entende sobre a realidade. Nesse entendimento o ensino de artes é eminentemente interdisciplinar, a apreciação, a compreensão das motivações e significados dos fazeres artísticos, e os processos criativos desenvolvem a capacidade intelectual e o olhar crítico sobre a realidade.

Ana Mae Barbosa (2007) afirma que nossos tempos provocaram profundas mudanças nos princípios da arte-educação. O ensino de artes deve ter compromisso com a cultura e com a história, para isso é preciso a ênfase na inter-relação entre o fazer, a leitura da obra e a contextualização histórica, social, antropológica e estética da obra. Porque só um saber

consciente e informado das relações sócio-históricas envolvidas nas produções artísticas torna possível a aprendizagem em Arte.

A arte-educação deve influir positivamente no desenvolvimento cultural dos educandos como expressão pessoal e como cultura, sendo um importante instrumento para identificação cultural e o desenvolvimento individual. Porque é por meio da compreensão e do fazer arte, é possível desenvolver a criatividade, percepção, imaginação, senso crítico e apreensão da realidade.

Propor processos de ensino-aprendizagem baseados na vida e obra de artistas afro-brasileiros é romper com a lógica dominante de um único percurso histórico de explicação e compreensão da história social. Partindo do princípio de que o ensino de artes desenvolve a alfabetização cultural, pode também ser um processo de reconhecimento da história do país que é a história de cada educando. Unir o aprendizado dos saberes e fazeres artísticos a uma educação das Relações Étnico-Raciais tem como fundamento o reconhecimento da história de artistas que foram excluídos por muitos anos da história da arte no Brasil, além da divulgação e produção de conhecimentos que integram atitudes, posturas e valores relacionados a pluralidade étnico-racial.

Os trabalhos artísticos de Rosana Paulino selecionados nesta pesquisa podem ser utilizados de diferentes modos a fim de estimular a curiosidade epistemológica dos educandos. Segundo Paulo Freire, a educação deve propiciar o desenvolvimento dessa capacidade porque essa atitude curiosa não é ingênua, mas questionadora, investigativa, entusiasta da vontade de aprender.

Estimular a curiosidade epistemológica, ‘crítica, insatisfeita, indócil’ (FREIRE, 1996) nos estudantes – tarefa que não acontece sozinha e automaticamente, se nada for feito – faz parte da gama de responsabilidades éticas da docência, que sempre deve ter como meta a busca por uma pedagogia crítica, que também manterá acesa sua curiosidade durante o processo de aprendizagem (SILVA, 2016).

Vários olhares, pensamentos e posturas podem ser evidenciados em um trabalho provocativo que emerge da história social e política, proporcionando o reconhecimento de nossos próprios contextos, o que pode levar a uma compreensão de como lidar com a questão do racismo e da invisibilidade da pessoa negra na sociedade contemporânea.

A escola precisa intervir na realidade social, e não apenas reproduzir as relações sociais. É preciso que o ensino seja um tempo e espaço de reflexão e ação, e nessa perspectiva o ensino de artes em uma ação propositiva e reflexiva a partir das obras de Rosana Paulino

nos leva a refletir sobre histórias de pessoas anônimas ou conhecidas, nos faz olhar para nós mesmos e como nos relacionamos com as questões abordadas pela artista.

Não é mais possível que o aprendizado em artes visuais perpassasse apenas um lado da história, ou que continue a silenciar e excluir as histórias e o conhecimento de outras culturas. É preciso desenvolver a empatia, a capacidade de compreender o outro, e somente conhecendo e reconhecendo-se na arte que educandos negros e negras podem sentir-se parte da história, não como coadjuvantes, mas como sujeitos transformadores da realidade. Assim como a arte e a educação impulsionaram estes professores-artistas a entender seu lugar e posição na realidade, como o ímpeto para impulsionar muitas histórias que avancem na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17/02/2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 17/02/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Parecer nº 3, de 10 de março de 2004. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 17/02/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acessos em: 17/02/2023.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/INEP/SEPPPIR, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 17/02/2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 17/02/2023.

CARDOSO, R. A história da arte e outras histórias. *Cultura Visual*, n. 12, Salvador: EDUFBA, p. 105-113, outubro/2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcvisual/issue/view/373>. Acesso em: 12/02/2023.

GODOI, Rosemary Cristina Borges dos Santos. *Expressão Artística e Diversidade: contribuições da Arte para trabalhar a cultura Afro-brasileira*. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Belo Horizonte, MG, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34205>. Acesso em: 16/02/2023.

MARANHÃO, Fabiana. Como a ditadura-entra-na-sala-de-aula-a-historia-contada-pelos-livros-didaticos. *Acervo Nova Escola*, São Paulo: Associação Nova Escola, Abril, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17098/como-a-ditadura-entra-na-sala-de-aula-a-historia-contada-pelos-livros-didaticos>. Acesso em: 10/02/2023.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. *Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa. Arte visual afro-brasileira: considerações sobre um novo capítulo no ensino da arte. *Revista Eixo*, Brasília-DF, v. 6, n. 2 (Especial), p. 90-96, novembro de 2017. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/520>. Acesso em: 10/02/2023.

MONTEIRO, Kyvia Kelly Dos Santos. *Rosana Paulino: representação da mulher afro-brasileira*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. NATAL/RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/38099>. Acesso em: 16/02/2023.

NOVAIS, Karyna Barbosa. *Educação étnico-racial no ensino de artes visuais*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, GO, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9510>. Acesso em: 16/02/2023.

PAULINO, Rosana. *Encarte Educativo Assentamento*. Museu de Arte Contemporânea de Americana. Americana - SP, 2013.

QUINTELLA, Pollyana. Rosana Paulino: quando imagem vira corpo. *Continental*. Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), Recife-PE, ed. 234, 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>. Acesso em: 16/02/2023.

SANTANA, Roseli Gomes. A imagem do negro nas artes visuais no brasil: virada de paradigma, desafios e conquistas no ensino de história e cultura afro-brasileira. *Sinergia*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 123-133, Jul./dez. 2017. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/305>. Acesso em: 16/02/2023.

SILVA, André Luiz. *A Arte Afro-brasileira no Ensino de Artes Visuais, como Veículo Cultural e Resgate da Identidade*. Monografia (Especialização), Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AU2EXB?mode=full>. Acesso em: 16/02/2023.

SILVA, Carmen Pinheiro. *Em busca de uma pedagogia artística crítica utópica com crianças, as transgressoras do tempo-de-agora: catadoras de restos e trapeiras*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Artes UNESP- São Paulo, 2016. Disponível: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/143050>. Acesso em: 16/02/2023.